Bem-Te-Vi

ANO XXI NÚM. 1

Janeiro de 1943

Nossa capa

Queridos bentevistas:

Estamos à porta dum novo ano. Mais uns momentos e soa o instante de sua chegada, se Deus assim o permitir. Certamente já nos estamos aprontando para recebê-lo; não queremos ser tomados de surpresa. E' preciso prepararmo-nos para que ele não se desaponte encontrando-nos indiferentes. Primeiramente dêmos adeus ao ano velho que se vai. Trezentos e sessenta e cinco dias passou conosco; dias alegres, dias tristes, claros e escuros, curtos e compridos, frios e quentes. Seguramente demos-lhe motivos de alegria mas, quem sabe, tambem lhe demos motivos de tristeza. Sabe ele como vai levando o coração.

Novo livro, todo em branco, vamos cada um receber. Contem 365 folhas. E' bastante grande. Cada folha representa um dia. No momento de recebermos este, entregamos aquele, o velho, já todo escrito, bem ou mal. Com prazer ou acanhamento pelo seu conteúdo fazemos a entrega. E' solene o momento do balanço anual.

No oriente é costume prepararem-se para a longa jornada do ano novo. Como o fazem? Saldam suas contas, renovam a amizade com quem estiver ressentido, fazem limpeza geral nas casas e assim recebem o infante de coração alegre e tranquilo.

Ao contemplarmos o rostinho cândido e calmo dum recem-nascido, desejamos-lhe um porvir risonho; entretanto cuidamos de fortalecer-lhe o físico e o espírito porque os embates são inevitaveis. Assim é o ano novo. A todos desejamos *feliz* ano novo; entretanto, quem pode adivinhar o que está por vir? Se, porem, tivermos no coração uma boa reserva de amor para suportar as fraquezas dos outros, tolerar as opiniões diferentes das nossas, e para *perdoar* (pois tambem *nós* precisaremos ser perdoados) e, se estivermos com a conciência tranquila por termos feito o melhor que podiamos, *então* poderemos dizer *Feliz* ano novo porque assim estaremos concorrendo para a sua felicidade.

Pode ser que os meus queridos bentevistas não tenham nenhuma conta a pagar porque isso está a encargo do papai. Mas se ele recebesse de vocês um "muito obrigado" não acham que estariam ajudando-o a começar bem o ano?

Pode ser que vocês queiram este ano ser menos implicantes, menos briguentos, menos impacientes para ajudar aos de casa terem um *feliz* ano novo.

Pode ser que vocês não tenham casa para fazer limpeza geral, mas todos têm a *mente* que devem limpar e pôr em ordem; os pensamentos maus vão para o fogo e em seu lugar veem as boas resoluções para 1943.

Se vocês, meus bentevistas, fizerem estes preparativos — entender os mal-entendidos, pôr a mente e o coração em ordem — então estou certa de que terão um

FELIZ ANO NOVO.

ANO XXI ★ REVISTA MENSAL—matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934 ★ NUM. 1
Assinatura anual Cr $ 10,00 — Número avulso. . Cr $ 1,00
Toda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi" - Caixa Postal, 3120 - S. Paulo
Redação e oficinas: Rua da Liberdade, 659
Gerente responsavel: - Fernando Buonaduce — SÃO PAULO, JANEIRO DE 1943 — Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

Fraternidade Universal

GUSTAVO KUHLMANN

A data de "Primeiro de janeiro"
Fulgura, como data nacional,
No calendário pátrio brasileiro,
Consagrada a puríssimo ideal.

A Pátria mostra, assim, ao mundo inteiro,
O mais sincero intuito fraternal;
Mostra interesse franco e verdadeiro,
Pela Fraternidade universal.

República de paz e de amizade,
Foi ela quem primeiro teve o gesto
De proclamar bem alto essa verdade.

Benditos sejam, pois, seus fundadores!
Desde o maior até o mais modesto,
O mundo deve de os cobrir de flores!

Do livro "Bondade e Pátria".

As duas entradas

—Sou a Guarda do Ano Velho, disse a voz, muito em surdina.

A-pesar-de Marta estar dormindo, ouviu aquela vozinha e abriu os olhos. Viu ao lado de sua cama uma pequena figura; dir-se-ia uma sombra. Não se atemorizou porque a figura lhe sorria meigamente. Segurava alguma coisa como uma máquina fotográfica.

— Sou a Guarda do Ano Velho, repetiu a voz. Como já estou prestes a partir visto aproximar-se o Ano Novo, vim dizer-te adeus. Gostaste do ano que se finda?

— Imensamente. A festa de meu aniversário foi o que houve de melhor. O que não apreciei nada foi o tempo em que estive de cama.

— Se quiseres, disse a Guarda, poderás olhar nesta máquina e rever algumas coisas que fizeste no velho ano. As coisas ruins, te aparecerão pretas e, com muito brilho o que fizeste de bom.

— Boa coisa. Ótimo. Gostaria imensamente de ver a festa de meu aniversário, disse a menina muito ansiosa.

A pequenina figura apertou uma mola, virou um botão e convidou Marta a olhar.

— Ora, não vejo nada!

— E' prova de que a festa foi estragada e escurecida por algum sentimento mau, como por exemplo o egoismo, as palavras e maneiras pouco delicadas... Deve ter havido alguma coisa feia, pois ela aquí se registra com tinta preta, embora penses ter tido uma festa brilhante.

— Bem, lembro-me de que naquele dia fiquei mesmo um pouco nervosa porque a cozinheira não fez o bolo que eu queria. Mamãe me falou que eu pensava mais em mim que nas visitas.

— Exatamente o que digo. Egoismo. Vamos ver agora o período em que estiveste doente. Olha.

— Oh! Tão brilhante! Que lindo! exclamou Marta surpreendida.

— Pois é. Naquela ocasião foste heroina e houve sobejas demonstrações de amor em ti e nos teus. Fizeste a tua parte, esforçando-te por passar aqueles tristes dias com paciência e resignação. Tua mãe não poupou trabalhos para recuperares a saúde; teu irmãozinho tirou dinheiro

do cofre para comprar um brinquedo que te distraisse um pouco na cama. Teu pai trouxe-te remédios e flores e a cozinheira te preparou caldos e cremes deliciosos. Vês que tudo foi movido pelo amor.

— E' por isso então que brilha tanto! Gostaria agora de ver o Ano Novo. Poderei saber o que nos traz ele?

— Não, não! respondeu a Guarda do Ano Velho. Só poderás ver quando tambem ele for velho. Uma coisa, porem, posso antecipadamente afirmar-te. O Ano Novo tem duas portas — uma é a do Amor e da Alegria; a outra a do Egoismo e Maus Modos. Podes escolher por onde entrar e terás a liberdade de trilhar o caminho escolhido quantos dias quiseres dos 365 que ele traz consigo.

— Oh! Amanhã entraremos pela porta boa, declarou Marta, pois teremos um dia agradabilíssimo! Papai e mamãe vão de auto dar um passeio pelo campo; Paulo vai treinar com o *foot-ball;* eu vou com titio e os primos ao jardim zoológico e a cozinheira vai passar o dia com uma irmã. Vavos todos passar o dia fora!

— Amanhã será o primeiro dia do Ano Novo. Já não mais me pertence. Escolhe a porta que quiseres. Adeus, que me vou embora.

Marta piscou os olhos, arregalou-os bem, olhou, olhou, mas a Guarda do Ano Velho já havia desaparecido. Então descansou de novo a cabecinha no travesseiro e dormiu. Só acordou na manhã seguinte. Chovia bastante.

— Chovendo?! Que pena! Adeus passeios!

Por um momento quís chorar, tal o desapontamento em que ficou; mas de repente lembrou-se dos dois quadros que vira durante a noite; lembrou-se que era o primeiro do Ano e saudou-o com alegria. "Quero começar pela porta melhor" pensou. Aprontou-se e deixou o quarto. Os pais e o irmão já estavam à mesa, tomando café. Imaginavam vê-la chegar choramingando e achando tudo ruim por estarem os planos frustados. Era esse o seu costume. Entretanto, Marta chegou risonha, deu-lhes bom dia e disse rindo, com verdadeiro bom humor:

— Ah! Esta chuvinha queria fazer-me errar a porta mas não errei, não! Esta noite aprendí bem a diferençar as duas!

— Que porta? perguntou-lhe o irmão, troçando com ela. Você ainda está sonhando?

— Sonhando nada! Esta noite tive uma visão, ou sonho, ou seja o que for. E aprendí uma coisa importante!

Vendo a curiosidade deles, principalmente de Paulo, Marta floreou um pouco o caso mas contou-lhes tudo bem direitinho.

— Não acham que esta chuva veio mesmo para nos pôr à prova?

— E' verdade, mas vamos entrar juntos com Marta pela mesma porta do Amor e da Alegria, disse a mãe. Não convem separar-nos.

— E no fim deste ano, se a Guarda voltar, vou pedir-lhe que me mostre o dia de hoje, que certamente será brilhante. E assim entraram eles, juntos, pela porta do Amor e da Alegria.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

CARTAS INVISIVEIS

Surpreenda seu amigo mandando-lhe uma carta invisivel, isto é, escrita com limão, em vez de tinta. Não é interessante? Uma vez seca, a escrita torna-se invisivel. Basta, porem, passar o ferro quente sobre o papel que a leitura se torna possivel.

O CACHIMBO DO "ESCOTEIRO-CHEFE"

NOTA: — Este conto foi irradiado em 15 de novembro p. passado, na Hora do Escoteiro (dominical, às 18 hrs., P.R.D. 8 — Rádio Clube Fluminense), programa que os bentevistas não devem deixar de ouvir.

— Vamos visitar essa tropa de escoteiros acampada lá na orla da mata. Podem ir preparar-se.

— Ótimo, papai! exclamou Carlos, correndo para o quarto, seguido de seu primo Alfredo, o qual viera, com o Sr. Aricipo, seu progenitor, gozar suas férias nessa fazenda do interior do Estado.

Meia hora depois, os dois meninos e seus pais subiram a encosta da montanha, indo deter-se à entrada do acampamento onde um escoteiro armado de bastão era sentinela.

Simples corda a que os escoteiros denominam Cabo, circundava o acampamento.

Interessante sabermos que ninguem passa sob esse cabo. Quando um escoteiro novato o faz, logo outro escoteiro assim o adverte: — "Alerta!... conserte a parede". Logo o novato retrocede... e a parede está consertada.

— Que gente valente! Ih! como aqueles meninos transportam aquele pau comprido! disse Alfredo ao seu primo Carlos.

— E' o mastro, informou seu pai, que fora escoteiro quando criança. O mastro é para a Bandeira Nacional, elemento indispensavel em todos os acampamentos escoteiros.

* * *

Como formigas carregadeiras os rapazes movem-se em suas atividades interessantes, orientados pelos seus monitores. Uns emendam cabos, com o que delimitam seus sub-campos; outros batem estacas ajudados por seus pares, os quais mantêm aprumados os esteios das barracas; uns cavam o solo para aí introduzirem a base do mastro; outros instalam a cozinha. Precedida de um pioneiro, entra no mato uma patrulha em busca de lenha. Outra patrulha regressa da nascente, trazendo, bem cheios de água fresca, os baldes de lona.

O chefe da tropa observa o trabalho de quatro meninos que manejam esquadros, réguas, bússolas e lapis, desenhando a planta do acampamento.

Esse chefe, de início, reunira os pioneiros e guias, a quem dera o seu parecer acerca do que deveria ser executado; agora, confiante na sua gente, é quem menos se preocupa com a instalação do campo.

Cada escoteiro faz o que entende.

Nessa escola de experiências multi-milenárias coordenadas por aquele homem que falava com Deus e por Deus foi inspirado — LORD BADEN POWELL — cada escoteiro tem o livre arbítrio ou liberdade de ação. Faz o que aprendeu, orientado solicitamente pelo companheiro mais experimentado.

Porem, tão bem organizada é essa escola que o rapaz vê na amplitude dessa liberdade unicamente a linha reta e luzidia do seu Dever perante Deus, a Pátria e a Sociedade, orientado pelo seu raciocínio e conciência ativa.

Os artigos da Lei Escoteira, quais rosas encantadoras, cravos e violetas, perfumam e enriquecem a estrada do seu dever, inspirando-o a olhar à frente onde hhá um alvo magnífico ou missão a ser cumprida.

Disciplina não lhe é um pesadelo. O escoteiro ama a Disciplina, tendo-a como elemento essencial ao nosso lema "ORDEM E PROGRESSO".

Ele se disciplina a si próprio, confessando alí em público os seus enganos ou faltas, edificando o seu carater.

Rutilante espectativa para o nosso magno problema pátrio!

* * *

— Escoteiro que prestou compromisso à Bandeira, será sempre escoteiro — diz ao pai de Alfredo um pioneiro, convidando-o a entrar.

Os quatro visitantes entram no acampamento.

Satisfeitos ficam todos os escoteiros ao verem que o visitante estende a mão esquerda ao chefe da tropa e eleva a direita em grande saudação escoteira.

"Naturalmente será algum chefe escoteiro", pensam, prestando-lhe a saudação a chefes.

... Com seus dedinhos abertos em forma de *V* e o — "Melhor possivel"! os lobinhos o saudam. Os "Sempre Alerta" dos escoteiros juntam-se aos "Servir!" dos pioneiros, sempre correspondidos escoteiramente pelo pai de Alfredo.

O pai de Carlos, piscando o olho ao seu irmão, diz:

— Hein, Aricipo, bancando o chefe escoteiro, não é? — Ambos riem e deixam "correr o marfim".

Como não há nada que permaneça eternamente em segredo, principalmente onde há escoteiros, vamos contar agora como foi que a criançada verificou que o visitante não era chefe.

Armadas estavam as barracas e erguido o mastro, tendo ao alto, desfraldado, o lindo símbolo da nossa terra, erguido com toda a honra e carinho escoteiro.

Alí próximo, ao oeste, há frondosas mangueiras para as quais vários escoteiros rolam troncos de árvores, preparando o recinto às atividades religiosas do dia seguinte, ou seja domingo. Ao oriente há uma pedreira e ampla gruta e que está sendo ornamentada com lindas parasitas, para fim idêntico ao das mangueiras.

E' que virão ao acampamento dois sacerdotes de religiões diferentes, porem, cristãos, afim de ministrar aos escoteiros a assistência religiosa, reunindo os seus adeptos separadamente, nesses dois lugares.

Essa gruta, já convenientemente adornada e preparada para o ato espiritual, é agora ocupada por diversos lobinhos, escoteiros e por Carlos, seu primo e os pais destes.

Eis, quando o pai de Alfredo, despreocupadamente acende o seu cachimbo — um enorme cachimbo! — leva-o à boca e solta grossas baforadas de fumaça, que enchem o recinto e provocam tosse e malestar nas crianças.

AQUELA', o responsavel pelos meninos, olha os garotos, olha o fumante e põe o cérebro em atividade, procurando resolver o caso escoteiramente.

... E' escoteiro e, como tal, não lhe faltará o engenho.

Dirigindo-se cautelosamente para o Sr. Aricipo, arma-se de um sorriso e maneirosamente diz-lhe:

— O senhor já notou a diferença entre a água trazida da cidade e a daquela rocha alí ao lado?

— Ainda não, respondeu o visitante. Não tive ainda essa oportunidade.

— Vamos confrontá-las? Eis aquí o meu cantil com água da cidade, disse AQUELA', acompanhando o cavalheiro até à nascente.

E assim os lobinhos ficam livres do cachimbo, por algum tempo.

Mas, criança não é aquilo que muita gente pensa, pois os garotos haviam "pescado" a manobra do seu guia... e até recomendavam brejeiramente uns ao outros: — "fica firme"!

Mais tarde, encontram-se os quatro visitantes, nesse mesmo recinto, arregalando os olhos ante a presteza como os meninos armam nós em seus cabos e logo os desmancham.

— Aí vem fumaça! diz baixinho um escoteiro a outro.

O senhor Aricipo, distraido, com o seu "mata-piolhos" atafulha tabaco no cachimbo... Boa coisa certamente ele não prepara para os lobinhos, os quais se cotucam e dizem: "Espia só!..."

Porem, o visitante mais uma vez é barrado, pois um escoteiro, fazendo a cara mais simplória desta vida, vai-se-lhe chegando para perto e interroga:

— O senhor é astrónomo?

— Eu? Não, meu filho. Por que?

— Mas, tornou o simplório, o senhor não sabe quando vai chover? E' que aquelas nuvens, lá atrás da montanha podem trazer chuva durante esta noite...

— Onde estão as nuvens? perguntou o senhor Aricipo, saindo com o escoteiro, enquanto guardava no bolso aquela espécie de mamadeira... o cachimbo.

Mas, o visitante não era bobo. Desconfiou e compreendeu tudo. Porem, não se deu por achado e até achou graça na ma-

nobra diplomática com que os escoteiros sempre davam o fora no seu cachimbo, toda a vez que ia fumar.

Regressaram à gruta.

Enquanto a criançada treinava em suas gaitas e flautas de bambú, ele contou ao seu irmão o caso.

Riram discretamente. Daí a pouco, de propósito tornou a exibir o grande cachimbo, fingindo que o ia acender. E posse a presenciar disfarçadamente a reação da criançada.

Notou cochichos e ditos brejeiros, porem, não ofensivos. O que mais o admirou foi o respeito e consideração mesmo a despeito do seu instrumento de suplício para quem não fuma.

A rapaziada compreende-se por sinais; sem palavras, delegaram a um a incumbência de afugentar dalí aquele cachimbo. Mas, desta vez, burlados sairam os escoteiros!...

O emissário vai-se aproximando do senhor Aricipo e, de mansinho, assim começa:

— O senhor é arquiteto?

— Eu? Eu, arquiteto? Não, meu filho. Por que?

— E' porque eu... eu, eu desejava que o senhor fosse dar a sua opinião àcerca da ornamentação do recinto preparado para o culto de amanhã, acolá, debaixo daquelas mangueiras. Quer ir lá, comigo?

— Não! — diz o visitante. Daquí não saio mais! Porem, eu meu lugar, irá o meu cachimbo... Tome-o. Leve-o.

E solta formidavel gargalhada, acompanhado pelo irmão. E riem a "bandeiras despregadas", contaminando todos os presentes que, desmascarados, quasi morrem de tanto rir.

Quem não rí é o escoteiro incumbido de afugentar dalí o cachimbo fumacento. Pálido como um defunto, o rapaz segura o cachimbo, sem saber o que fazer, enquanto o Sr. Aricipo o aponta com o dedo e diz:

— Eu não sou arquiteto, não! — e solta novas e gostosas gargalhadas.

De repente se faz silêncio. O pai de Al fredo atrai a si o escoteiro e diz:

— Não tome a mal as minhas gargalhadas nem as minhas brincadeiras.

...E o célebre cachimbo não mais é aceso!

Após o "Fogo do Conselho", ao se retirarem, os dois meninos e seus pais são solicitados a comparecer no dia seguinte ao acampamento.

Assim, aí pelas 13 horas tornam os nossos conhecidos a aproximar-se. Desta vez vêm cinco: os pais e os dois meninos, que transportam um pequenino caixão de defunto.

O chefe da tropa dispõe os escoteiros em duas alas; e parte, silenciosamente, o cortejo, fazendo alto bem ao centro do acampamento, onde é aberta a sepultura.

Ergue-se o orador... o senhor Aricipo.

Manda levantar a tampa do ataúde e apresenta o defunto, ou seja, o seu cachimbo, partido em pedaços...

E assim principia:

"E' em homenagem à vossa nobreza de sentimento e educação, escoteiros! que eu digo adeus ao meu cachimbo!

Vós, meus escoteiros! soubestes ensinar-me a largar essa mamadeira inutil, ou antes, perniciosa!

Pela minha honra e em nome da promessa escoteira, que prestei, quando rapaz ante essa mesma bandeira que nos sorrí, eu vos prometo não mais fumar!

Serei novamente escoteiro, para trilhar convosco a estrada do ideal, tendo por alvo o aperfeiçoamento espiritual e físico da mocidade da nossa Pátria!"

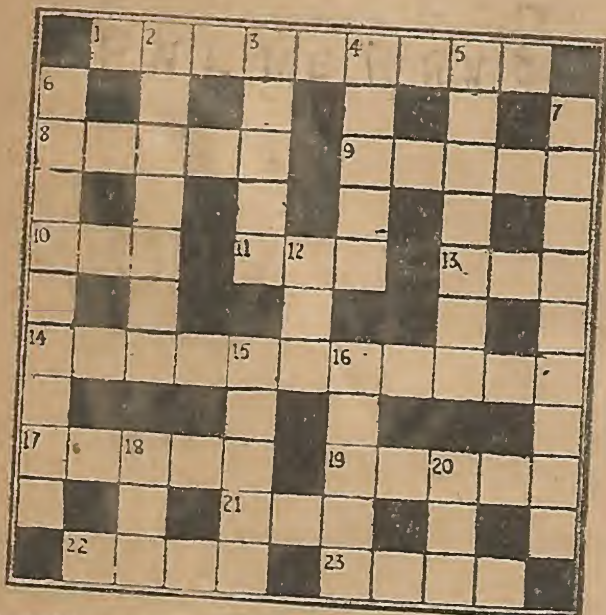
Salva de palmas coroa as palavras do orador.

Três meses depois, essa mesma tropa desembarca na estação de uma pequena cidade do interior, para novo acampamento.

Quem a comanda é o chefe Aricipo.

Dr. Paulo Pedro Cunha.

PALAVRAS CRUZADAS

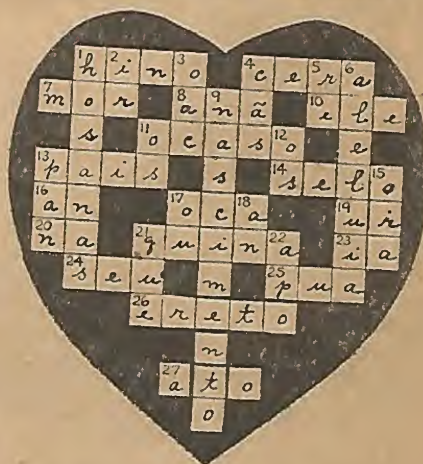
(BASEADO NA GEOGRAFIA DO BRASIL)

HORIZONTAIS

1. Serra do Estado do Paraná.
8. Cidade da Baía, às margens do Itaricurú.
9. Outro nome do rio Coarí.
10. Rio Grande do Norte.
11. Pequena cidade da Baía.
13. Lugar pelo qual em São Paulo transitam os bondes, etc.
14. Serra do Estado do Amazonas.
17. Afluente do Amazonas sem a primeira letra. — Margem esquerda.
19. Importante cidade do Estado de São Paulo.
21. Capitais dos Estados: Piauí, Ceará e Pernambuco respectivamente. (Iniciais).
22. Serra da Baía — no feminino.
23. Cidade do Paraná. — invertida.

VERTICAIS

2. Grande ilha fluvial brasileira.
3. Baía — litoral do Brasil Setentrional.
4. Ilha — arquipélago Fernando de Noronha.
5. Capital de um Estado do Brasil com e final (em vez de i).
6. Relevo do Piauí.
7. Baía — costa meridional do Brasil.
12. Rio Acreano.
15. Rio da Baía sem a última letra.
16. Reptil da fauna brasileira.
18. Afluente do Rio Branco — bacia do Amazonas.
20. Pequeno rio da Baía.

Antônio Marçal Ferreira.
Aluno da IV Série do
Instituto Americano
de Lins.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Solução ao problema de dezembro.

Pronto, ai está o quadro arranjadinho!

Deu trabalho, não é verdade ?

Secção dos

O PORQUINHO

O Arteiro andava a transbordar de planos, cada qual mais fantástico que o outro. Fazer peraltagens era parte de seu trabalho. Que havia o capetinha de imaginar, naquele dia de céu limpo, enquanto aquentava sol à beira da casa?! Deitado, sua cabecinha sonhava com os mil e um castelos no ar. Para ajudá-lo na imaginação, passa roncando um aeroplano bem por cima de sua cabeça.

Foi-se o avião e ficou o porquinho com nova idéia. Tambem ele iria voar. Levantou-se decidido, pegou o serrote, ajuntou umas taboas e pregos, agarrou o martelo e pôs-se a construir. Como haviam de invejá-lo os outros porquinhos! Por três dias o Arteiro serrou e martelou taboas sem perder um minuto. O ventilador elétrico fazia perfeitamente o papel de motor. Estava, pois, tudo arranjado! E o Arteiro entrou nele e subiu! E subiu! E lá do alto o porquinho avistou a vovó, em baixo, estendendo roupa no varal e gritou-lhe:

— Até logo, vovozinha. Faça uns bolinhos para eu tomar com café na volta!

Nisso o aviãozinho quasi bate numa árvore. A vovó assustou tanto ao ver o netinho naquelas alturas que nem pode dizer nada.

E o Arteiro foi subindo, foi subindo... de repente o motor desandou *rrrrrrr!*

"Alguma coisa deve estar errada", pensou o Arteiro, franzindo a testa. "Gente! Estou descendo! Parece que vou despencar!" E o avião começou a revirar e o pobre do Arteiro grunhia, grunhia de medo.

Pequeninos

ARTEIRO

A boa da vovozinha, aflita, aflitíssima, teve uma idéia. Correu ao quarto, agarrou o colchão de pena e o mais depressa possivel pôs o colchão onde imaginou que o netinho ia cair. Que sorte! Direitinho sobre ele o avião foi descendo, foi descendo e caiu, *paf*, As penas voaram longe.

— Viu vovozinha, que direção boa eu tenho?! disse ele muito disfarçado, para ver se não apanhava.

— Esplêndida! Não resta dúvida! Mas o susto pelo qual passei há-de lhe custar caro.

O Arteiro coçou a cabeça, aquela cabecinha cheia de grandes idéias e olhou muito humilde e arrependido para a sua estimada vovó.

Comovida com a carinha dele, ela lhe disse:

— Bem, meu *aviador*, agora você vai catar as penas que voaram, uma por uma. E' só esse o castigo.

Satisfeito por não entrar na sova, o porquinho imediatamente principiou a catar as penas que cada vez

mais se esparramavam com a aragem.

Pouco, porem, havia o Arteiro ajuntado quando a vovó lhe pergunta em tom de caçoada:

— Então, meu netinho, quando será o segundo voo?

Ele, dando uma risadinha sem graça:

— Para falar a verdade, vozinha, eu queria que nunca tivessem inventado nem avião e nem... colchão de pena!

Página dos Pais

QUE BRINQUEM AS CRIANÇAS...

Emília Soares de Sousa
Copyright da "SPES"
de São Paulo.

Há muita gente adulta que, esquecida de sua meninice ou recalcada dentro de aparente severidade, olvidando a diferença de idades entre si e seus filhos, crê sinceramente que as crianças devam ter compreensão perfeita, maneiras medidas, sentimentos formados, enfim, ser um adulto em miniatura. Quantas vezes não vemos pais que se queixam do modo irrequieto e travesso de uma criança "encarar" a vida! Quantas outras, incapazes de disciplinar a si próprios para melhor disciplinar seus filhos, não se lastimam da "falta de ordem e de organização" nos hábitos, nos estudos e na vida social dos garotos! E quantas ainda, ante uma falta mais séria por parte de seus filhos ao invés de procurar correção cortando o mal pela raiz, fazem "vistas largas" procurando desculpar-lhes os erros, dizendo em sua presença: "Isso é próprio das crianças..."

Como se enganam os que assim procedem! Primeiro, a criança é um ser em formação e como tal precisa de auxílio, de carinhos e de cuidados dos Pais e dos Mestres, para que melhor compreenda os ensinamentos necessários à vida, que dosadamente for recebendo. E' justo e muito natural que ela não pense como os adultos, pois, sua capacidade perceptiva é circunscrita ao meio ambiente que forma o seu mundo infantil. E' tambem muito natural que ela, durante um certo período de seu desenvolvimento, queira saber o "porque" de todas as coisas, o que, aliás, atrapalha muita gente que não sabe "se fazer de criança" e conversar dentro dos limites da percepção infantil, dando as explicações mais adequadas e mais próprias às perguntas feitas pelo petiz, por vezes indiscretas, mas quasi sempre sem malícia.

Agora, quanto à falta de disciplina, à falta de atenção aos conselhos e admoestações paternas, achamos melhor chamar a atenção dos Pais para o prodigioso poder de imitação das crianças... E é tão conhecida a expressão: "Os Pais são os espelhos dos filhos".

Mas, ao observar faltas que poderão tornar-se mais tarde defeito grave, vício ou mesmo desvio de carater, devem os Pais entregar os filhos aos cuidados experimentados do médico ou do educador, para corrigí-lo enquanto for tempo. Desde os primeiros momentos que a criança comece a ter compreensão das coisas é necessário ensinar-lhe a distinção entre "o que se deve fazer e o que não deve ser feito". Agindo assim, os Pais levam a crianca a conhecer e a praticar as responsabilidades e os deveres que concorrerão de modo notavel para o completo desenvolvimento de sua personalidade.

O cérebro da criança é tenro e plástico e sua alma é feita de inocência e meiguice. Tudo lhe parece sorriso e alegria, e por isso mesmo precisa de expandir-se alacremente, o que realiza por meio de risos, de gritos, de correrias, de saltos ou cambalhotas. Nada de exigir que uma menina de 7 ou 9 anos se porte como se fosse uma senhora. Nada de rancores e de castigos quando um garoto faz uma traquinagem inocente. Deixemo-los que riam, brinquem e se divirtam à vontade, dentro das horas de recreio. Na vida, é preciso que tudo esteja nos respectivos lugares. Portanto é preciso haver meninice, mocidade, vida madura e velhice, fases naturais pelas quais todos passarão. Eduquemos, sim, nossos filhos, porem não tentemos tirar-lhes essa garrulice, essa vivacidade ingênua e espontânea que, demonstrando saude, tão bem traduz a sua alegria de viver. Que brinquem, pois, as crianças...

Jason, o fugitivo

O menino Jason fora capturado por uma caravana procedente do Egito. Longe da mãe, do pai cego e das duas irmãzinhas a quem muito queria, passa por duros sofrimentos nas mãos dos malvados mercadores. Em Capernaum logra escapar deles. Um bom senhor que pastoreava o rebanho nas vizinhanças da cidade dá-lhe abrigo, dispensando-lhe carinhos de pai. Alí trava conhecimento com Joel, menino de sua idade, e com quem vai passear no lago. Ao voltar encontram muita gente em torno dum homem, ouvindo com atenção o que ele dizia. Era Jesús. Os meninos tambem param e maravilham-se das curas que o vêem fazer e do milagre dos pães e peixes alí operado. Jason não resiste ao desejo de levar o pai cego para Jesús curar. Nesse propósito aceita emprego como carregador dágua com uns tosquiadores que estavam justamente de caminho para o sul, onde ficava sua cidade — Belem. Nessa viagem passam por um triste contratempo, pois encontram-se com soldados romanos que obrigam um deles a retroceder, carregando-lhes a bagagem.

Capítulo VI

NOVAMENTE EM CASA

(Conclusão)

O dia seguinte foi exhaustivo, especialmente para Jason, não acostumado ao brilho das estradas arenosas.

Ao passar por Samaria ouviram constantemente insultos dos habitantes, pois os samaritanos não se dão com os judeus e não perdem oportunidade de ultrajar um ao outro. Entretanto era preferivel atravessar essa região a prolongar a viagem indo por outro caminho, uma vez que contavam chegar a Betania em tempo, para outra estação de tosquia.

Os campos por onde passavam, uns floridos, outros movimentados pelos lavradores, pareciam dansar diante dos olhos de Jason que ora sentia febre, ora queixava-se de frio. Doia-lhe a cabeça. Apoiava a mão em Fiel ou num dos burros para poder andar. Já não mais sentia os pés que mal se arrastavam. Fiel tambem sofria com aquele calor; de boca aberta caminhava arquejante.. Só os burros é que pareciam indiferentes àquele sol abrasador.

Eram seis horas da tarde quando o grupo chegou a Sicar onde convergiam várias estradas romanas. Pararam a descansar perto do poço de Jacó, famoso por se dizer que fora dado por Jacó a José, seu filho predileto. Os homens avidamente mataram a sede e encheram seus cantís. Dois deles foram à povoação comprar alimento. Os outros ficaram a dessedentar os animais e a preparar o acampamento. Estava o chefe terminando de dar as ordens quando achou falta em Jason. Procurou-o em volta e deu com ele caido, sem sentidos, perto do poço. Fiel vigiava-o não deixando ninguem aproximar-se dele. O chefe ajoelhou-se ao seu lado, ergueu-o um pouco, dizendo aflito:

—Que é isso, rapaz? Estás doente? Toma aquí um pouco dágua. Por hoje está terminada a nossa estafante viagem. Jason... sentes alguma coisa?

Dentre as mulheres que vinham ao poço buscar água, uma havia que, distanciada das outras, observava o esforço e o desageitamento do homem em lidar com o rapaz. Sabia perfeitamente serem eles judeus, pelo falar e pelo vestir. Percebeu logo que eram trabalhadores e que por alí passavam para encurtar o caminho. Mas, independente disso, o rapaz estava evidentemente enfermo e era visivel que

o homem, talvez seu pai, não sabia o que fazer.

De repente a mulher largou no chão a sua jarra e, aproximando-se do homem e ajudando-o a suster o rapaz, disse:

— Deixa-me segurar o copo.

Isso dizendo, pegou-o e chegou-o à boca de Jason. Depois descansou-lhe a cabeça em seu colo e embebendo um pano na água restante, colocou-o na testa que parecia queimar de tanta febre.

O chefe, deslumbrado com tal desprendimento duma samaritana, deixou-a lidar com o rapaz como se nenhuma inimizade existisse entre ambos:

— Ele deve estar bem doente. Deve ter sido por causa do sol que tomou hoje.

— E' verdade, foi demais, concordou o tosquiador. Mas, como sendo tu samaritana, te importas com o estado deste rapaz que é judeu?

Uma expressão radiante estampou-se-lhe no rosto. Olhou para Jason e sentindo por ele verdadeira simpatia, respondeu:

— Aquí mesmo neste poço, há dias encontrei-me com um homem chamado Jesús e foi ele quem me mostrou não haver diferença entre judeu e samaritano, principalmente se um deles precisa de auxílio. Naquele dia eu é que era a necessitada — achava-me doente de espírito como este rapaz se acha doente no físico. Sua amizade e seu conselho tornaram-me outra. Por isso eu agora tenho gosto em ajudar a algum de sua raça.

O tosquiador ouvia-a calado. Parecia que em toda a parte este Jesús tinha feito alguma coisa que o levava a considerar.

— Já te sentes melhor agora? perguntou a mulher.

— Felizmente, mas minha cabeça ainda dói, replicou Jason. A senhora foi muito boa para mim. Uma hora pensei até que era minha mãe que estava comigo.

— Amanhã já estarás bom, replicou ela, contente. Não posso demorar-me mais pois preciso dar o jantar a meu marido.

O tosquiador ficou por uns momentos a observá-la de volta para casa com a pesada jarra dágua. Depois, voltando-se para Jason, tomou-o nos braços e levou-o para a cama que lhe improvisaram debaixo duma árvore.

A noite toda Jason variou; sonhou com o camelo Rafú, sempre dando trabalho; sonhou com o velho pastor na colina; sonhou que nadava com Joel e sonhou ainda com o árduo trabalho que tivera com a tosquia. Mas ao amanhecer, melhorou sensivelmente. Embora fraco e meio zonzo, sentiu fome e alimentou-se bem.

Aproveitando a fresca da manhã, puseram-se novamente a caminho. Instado pelo chefe, Jason montou num dos burros e assim venceram muitos quilómetros antes que o sol se tornasse insuportavel. O grupo todo estava de bom humor; marchavam alegres e tagarelas. Apenas o chefe se conservava silencioso; parecia muito preocupado. Por duas vezes Jason tentou arrancá-lo de suas reflexões, pois sentindo-se alegre por aproximar-se de casa, queria vê-lo tambem compartilhar da alegria reinante. O chefe, entretanto, continuava calado, absorto em seus pensamentos.

Jason regozijava-se com a idéia de estar brevemente em casa. Um dia ou dois de trabalho em Betania e depois Belem e daí, sua casa! Parecia tão longa a sua ausência! Teria a mãe sofrido muito? E o pai, teria achado muita falta nele? E as irmãs? E estaria o pai disposto a acompanhá-lo em busca da cura com Jesús, fosse onde fosse? Com tais pensamentos é que Jason chegou à Betania, já ao anoitecer. Estava cansado e com dor de cabeça, mas esforçou-se por ajudar nos trabalhos do acampamento. Saciada a fome, Jason deitou-se logo e ao seu lado, Fiel. Os homens demoraram-se a prosear.

— Notaram a exquisitice do chefe hoje? perguntou um deles.

— Não quís tomar parte em nenhuma conversa. Por que será?

— E ainda agora saiu sozinho, disse Nabor. Ele nunca sai depois dum dia de viagem!

Cogitando no motivo de seu chefe agir dessa maneira, Jason pegou no sono e nem viu a que horas se deitaram e nem viu quando dois deles sairam a dar uma voltinha pela cidade.

Na manhã seguinte o chefe estava lá, como de costume, mas muito abatido e cansado.

— Hoje temos apenas uma pequenina tosquia, disse ele. Como vou passar o dia fora, deixo Nabor na direção do trabalho. Cuidado com o rapaz para que não apanhe muito sol. Para o jantar estarei aquí.

Com grande espanto os homens viram-no sair apressado e tomar a mesma rua por onde fora no dia anterior. Tão estranha conduta deixava-os cismar.

À noitinha o chefe voltou conservando a mesma atitude silenciosa. Percebia-se estar muito ocupado com algum problema. Os companheiros tentaram dizer pilhérias, mas desistiram logo, pois o ambiente não lhes pareceu favoravel. Terminada a refeição, ele disse ao rapaz:

— Jason, eu gostaria de conversar contigo um pouco.

Apartaram-se a um lado e, sentados numa pedra, à luz da lua que ia nascendo, principiou:

— Jason, sabes duma coisa? Eu ví esse homem Jesús. Estive com ele em casa de Lázaro. Ontem ouví-o falar e hoje passei horas em sua companhia. Aprendí muita coisa. Aprendí que Deus é Pai de amor e nos quer bem; que somos todos irmãos por sermos seus filhos; que não devemos fazer diferenca entre samaritano, judeu ou grego, antes devemos tratá-los como irmãos. E tudo que ele falava, Jason, era sobre o amor, amor a todos os homens, especialmente aos infelizes. E é mesmo como me falaste. Ele é forte no físico mas suas palavras são suaves e confortadoras.

Jason, ansioso, esperava apenas que o chefe fizesse uma pausa para lhe perguntar:

— Quanto tempo pretende ficar aquí? Esperar-me-á trazer papai?

— Não sei com certeza. Ouví Maria, irmã de Lázaro, dizer que esperavam que ficasse vários dias para descansar. Amanhã largaremos cedo, rumo a Belem e em poucas horas estaremos lá. Poderei até ajudar-te a trazer teu pai.

— Pois, muito obrigado. E' muita bondade sua.

— E' que tambem eu fui renovado. Tornei-me seu discípulo e sinto prazer em ser-te util.

Jason pôs sua mão na mão grossa do tosquiador-chefe e por longo tempo ficaram-se alí, ao luar, até que Jason foi por ele levado à cama.

— Dorme bem, disse ele, porque amanhã começaremos nova vida.

Os homens ficaram assustados com a surpresa de partir na manhã seguinte.

Apressadamente fizeram-se os preparativos.

"Que mistério é este entre nosso chefe e o rapazinho?" diziam entre si os tosquiadores. Nem bem paravam um pouco, o chefe mandava-os estugar o passo. O rapazinho, este, parecia ter asas nos pés, tal a ligeireza com que andava à medida que se aproximavam de Belem.

Ao avistar, de longe, as casas brancas da pequenina cidade, o chefe ordenou aos homens que se detivessem alí à sua espera. A Jason e Fiel mandou que continuassem; ele, à distância, os seguiu.

Jason foi andando depressa, mas, quando viu sua casa, deitou a correr desenfreadamente. Fiel acompanhava-o, latindo. A poucos passos da casa tão querida, parou. O momento era por demais grande e solene. Alguem vinha saindo à porta — alguem com vestido azul. Sua mãe!

— Mamãe! gritou Jason, correndo para ela. Mamãe! Sou eu, Jason!

A mãe estacou, olhando para o rapazinho, sem poder acreditar no que via. Temia que seus ouvidos a tivessem enganado.

Foi um segundo apenas a sua confusão, pois no momento seguinte Jason descansava em seus abraços, os braços que tanta falta lhe fizeram durante o penoso tempo que esteve ausente de casa.

— Jason, meu filho, é você mesmo? Que felicidade! Eu que já o dava por perdido, tê-lo de novo em meus braços! Como você está diferente, tão queimado!

— E papai, e as meninas, estão lá dentro?

Nisso aproxima-se o amigo e Jason sai dos braços da mãe, que lhe responde:

— Sim, filho, tudo vai bem. Seu pai deve chegar neste instante. Vim à porta esperá-lo no momento em que você chegou. Temos uma grande surpresa a lhe fazer.

Ouvindo a alegria da mãe, as duas meninas correm à porta a ver com quem ela conversava, e exclamam ao dar com o irmão:

— Jason, de onde você veiu?! Que cachorro bonito você trouxe! Vai ficar para nós, vai?

O irmão abraçou-as cheio de contentamento, respondendo com prazer a todas as suas perguntas.

Em meio a esta alegria imensa, chega o pai do serviço. Não vem apoiado ao porrete como Jason esperava vê-lo. Anda com segurança e desembaraço.

— Como? Como foi esse milagre? indaga o filho tomado de espanto e gozo. Papai enxerga?

— Filho, quanta graça temos recebido! Eu recuperei a vista, graças a Deus, e agora o rehavemos para completar nossa felicidade.

— Mas como foi isso? Contem-me.

— Um homem chamado Jesús passou por aquí um dia e pôs as mãos em meus olhos, filho, e milagrosamente comecei a ver. Imaginava sempre como você havia de se alegrar se soubesse.

— Pois vim justamente buscar o senhor para levá-lo a esse mesmo Jesús! Que maravilha encontrá-lo já curado! Tambem eu tive a felicidade de conhecer Jesús e quero pôr em prática tudo o que aprendí com ele. Quero ser seu amigo de verdade.

— Jason, perguntou-lhe a mãe, quem é este senhor aquí ao lado, é seu amigo?

— Com tanta alegria nem me lembrei de apresentá-lo. E' o snr. Abner, o tosquiador-chefe com quem tenho trabalhado e em cuja companhia vim desde Capernaum. Ele tambem conheceu Jesús e se tornou seu discípulo.

— Vamos entrar todos, disse a mãe acolhedoramente. Seja benvindo à nossa casa o amigo de Jason.

Queremos ouvir de suas façanhas e aventuras e saber mais a respeito desse Jesús bondoso que tão grande felicidade trouxe aos nossos corações. Estamos ansiosos de aprender a seguir esse Homem que se tem mostrado verdadeiro Amigo de todos.

E na intimidade do lar ficaram relatando tudo o que lhes aconteceu durante os longos meses de ausência do filho, bem como a ouvir dele a narração dos acontecimentos tristes e igualmente maravilhosos.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A PORTA ABERTA

Naquele dia as irmãs Maria e Joaquina sairam da escola quasi correndo. As coleguinhas Adair e Cecília notaram a pressa delas e perguntaram:

— Que pressa é essa?

— Ah! E' que hoje é sábado; é dia de d. Maura, a nova pagem de nosso irmãozinho, contar histórias! Ela sabe tanta coisa...! Tambem é tão velha! Quando rí, as suas centenas de rugas movem-se em todas as direções; até é bonito ver.

— E ela sabe histórias de fadas? perguntou Adair.

— Se sabe! Ela é irlandesa e conta histórias das fadas de lá. E são lindas. Mas é só aos sábados, quando voltamos da escola, que ela conta.

— Eu gostaria tanto de ouvir, disse Cecília.

— Pois, por que não? perguntou Maria. Se sua mãe deixar, vocês tomam lanche bem depressa e vão logo a nossa casa, que ficaremos à sua espera.

E assim ficou combinado.

Uma hora depois as duas batiam palmas em casa das colegas e logo mais, sentadas as quatro em volta de d. Maura, ouviram a seguinte história:

Uma vez, muito longe daquí, lá num país sempre verde e bonito, havia uma menininha pouco menor que vocês, e de muito bom coração. Vamos chamá-la de Ritinha, embora não fosse esse o seu verdadeiro nome. O dia todo Ritinha ajudava a mãe, de muito boa vontade; ajudava-a a lavar a louça, descascava alho, recolhia gravetinhos, brincava com o irmãozinho e, às vezes, ia sozinha à vila comprar fósforo ou outra miudeza qualquer. À tardinha pegava o seu trabalhinho de agulha e alí ficava até a mãe chamar para adormecer o nené.

Uma tarde, já principiava a anoitecer quando a mãe disse assustada:

— Gente! A vaca ainda está no pasto. E' preciso ir buscar e o Oscar não está aqui! Ritinha, minha filha, você é menina valente e boa, vá buscar a vaca, minha filhinha.

— Isso é serviço do Oscar, respondeu ela, que tinha muito medo do escuro.

— Mas o Oscar foi à vila comprar remédio para o vovô e não chegou ainda, meu bem. Você é boazinha, faça mais esse serviço para a mamãe que está tão ocupada.

Então Ritinha foi, embora tre-

mendo de medo. Ao sair teve o cuidado de abrir bem a porta da cozinha para que o fogo do fogão e a luzinha da lanterna, de longe mesmo, lhe servisse de conforto. O seu coraçãozinho estava receoso e seu rostinho, triste. Mas foi. Andava uns passos e olhava para trás. Saber que a porta estava aberta dava-lhe coragem. Ao chegar, porem, à estrada, olhou de novo e — que tristeza! — a mãe havia fechado a porta! Nenhum raio de luz a confortá-la. Enxugou as lágrimas que lhe afluiram aos olhos e apressou o passo. Andou uns duzentos metros na estrada e entrou no pasto onde a vaquinha pastava o dia inteiro, comendo graminha gostosa.

Escurecia cada vez mais. Ritinha começou a tremer; de repente bambearam-lhe as pernas e ela caiu no chão. Dalí, avistou o vulto escuro da Pintura, a vaca, bem no alto do morro que havia no pasto. A Pintura pareceu-lhe muito escura, muito distante — como se encostasse no céu. Teria coragem de ir até lá? "Certo deveria a Pintura ter juizo de ir para casa sozinha, ela que tinha quatro pernas!" assim pensou Ritinha.

Nisso a menina baixou os olhos e — que havia de ver? Percebeu estar sentada bem no meio dum anel de fada! E agora? Ficariam zangadas com ela? Quem sabe justamente naquela hora elas estariam vagando por alí. Oh! O céu estava clareando um pouco. Era a lua que surgia. E toda a gente sabe que as fadazinhas aparecem quando a lua nasce e dansam até meia noite. Com esses pensamentos ela chegou mesmo a sentir, levemente, as minúsculas criaturas dansando em seu redor, pois, ora eram as asas sedosas que lhe roçavam o rosto, ora pequeninas mãos acariciavam-lhe o cabelo ou puxavam-lhe mansamente o queixo ou beliscavam-lhe o narizinho.

Ritinha teve vontade de chorar, porem, por demais tímida, não lhe veiu a idéia de se levantar e sair dalí. Deixou-se ficar, sentada, chorando. E as lágrimas rolavam-lhe pelas faces, indo cair em seu colo. Então — que pensam ter acontecido? — as fadazinhas deixaram de mexer com ela e principiaram a dar gritinhos de alegria. Ritinha parou de chorar para olhar o que faziam e — palavra de honra — estavam recolhendo suas lágrimas! Umas enchiam os vestidinhos de lágrimas, outras iam e vinham trazendo fios de teia de aranha e outras ainda enfiavam-nas nos fios de seda como se fossem brilhantes, fazendo pequeninos colares com que se enfeitaram.

Em seguida puseram-se a cantar uma canção, muito baixinho como o de uma abelha dizendo:

"Podes ter um desejo!
Um pequenino desejo!
Um enorme desejo!
Seja qual for o desejo!"

E, creiam-me, Ritinha não teve de pensar muito. Uma coisa ela estava querendo desde que saira de casa e disse tão depressa e tão alto que assustou uma fadazinha:

"Quero ver a porta de casa bem aberta e a luz clareando de lá!"

Naquele instante surgiu a lua por cima do negrume das árvores, enviando sua doce luz pela encosta do morro. As fadazinhas que sentem verdadeiro encanto pelo luar, exclamaram: "Olhem! Olnem!" E todas olharam. Seus rostinhos e asas e mãos e pés e sua vestimenta, tudo parecia prateado por aquela luz suave. Então Ritinha tambem olhou e — imaginem só! — a lua não era a lua, não! Era a portinha de sua casa, bem aberta, jorrando luz em profusão!

E Ritinha não mais teve medo. Levantou-se corajosamente, subiu o morro até onde estava a Pintura, mas sempre olhando para a porta aberta no céu. Sem dúvida, não estava alí o fogo de sua casa, iluminando pela porta? E aquela sombra escura não era sua mãe? Com este pensamento Ritinha se alegrou e pegou a vaca e levou-a para casa e, certo como o sol que vemos, a porta aberta acompa-

nhou-a por todo o seu caminho de volta. Ao chegar, tambem chegava Oscar com o remédio. Este lhe entregou o embrulho e foi guardar a Pintura no estábulo. Ritinha entrou, não cabendo em si de contente.

Mas a mamãe, observando-a atentamente, disse:

— Seu rostinho está manchado. Você chorou, minha filhinha?

— Não, mãe; quer dizer, chorei só um pouco, o suficiente para fazer uns lindos colares de lágrimas.

O avô, que no quarto contíguo passava o remédio nas costas, falou:

— A menina está variando, não tem nexo o que diz.

Mas a verdade é que seu coraçãozinho exultava de alegria.

Neste ponto cessou a voz da idosa d. Maura e ela passou os olhos pelas quatro crianças sentadas no capim, a seus pés. De olhos arregalados, solenemente continuaram em silêncio.

Mais um minuto e Adair comentou:

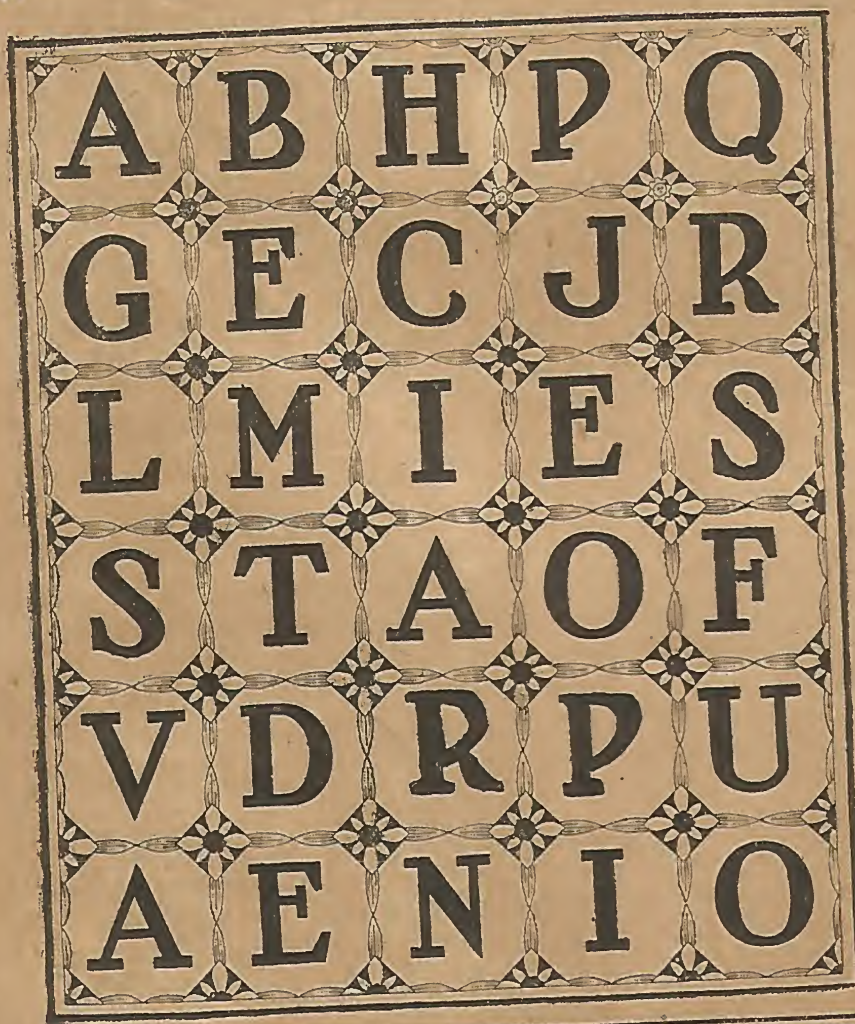
— Bonita história, gostei imensamente.

E Maria:

— D. Maura, a senhora já se lembrou do verdadeiro nome de Ritinha?

A velhinha piscou os olhos:

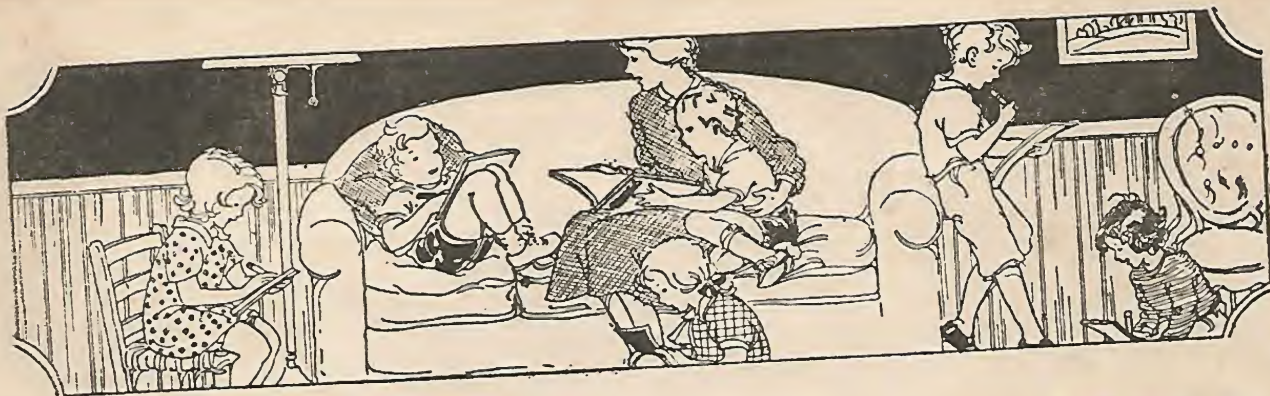
— O nome dela é igualzinho o meu. Tambem, nunca mais tive medo, desde esse dia em que fui atrás da vaca, e vi a porta de minha mãe aberta no céu. E eu, coitadinha de mim, com apenas sete anos...

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Nosso Brinquedo das Férias

Agora que vocês não têm lições para preparar, podem brincar bastante. Este é bom para os dias de chuva.

Cada jogador joga um botão sobre o quadro e marca em seu papel a letra em que caiu. O primeiro a formar um substantivo, ou verbo, ou preposição ou advérbio ou pronome (conforme combinação prévia) é o vencedor.

Pode prolongar o brinquedo sendo vencedor o que primeiro formar uma palavra de cada categoria gramatical ou, se quiser, o nome duma cidade ou estado brasileiro, etc.

ATENÇÃO - *Aguardem para o próximo número o início da interessante história POLLYANNA.*

QUEM É QUE SABE?

1. Completar: *Amai-vos cordealmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos...*
2. Corrigir: Não vá sem eu; me espere que preciso ir consigo para te dar uma boa notícia.
3. Qual é o animal cujo nome diz já ter tido valor?
4. Em que lugar do Brasil corre um rio chamado *Japão?*
5. Como se chamam os naturais de Flandres?
6. Qual é o maior dos macacos?
7. Qual é o mais inteligente dos mamíferos?
8. Qual é o significado da palavra orangotango?
9. Das 440 espécies de papagaios vivos, cientificamente conhecidos, quantas são do Brasil?
10. Em terras brasileiras onde fica a ilha *Pão d'Água?*
11. E a serra *Pão de Angú?*
12. E o célebre penhasco *Pão de Açucar?*
13. E a lagoa *Pão Doce?*
14. E a ponta *Pão Torto?*
15. Que é o *Pão ferro?*

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DE DEZEMBRO:

1. ...a minha casa serviremos ao Senhor.
2. Barão, visconde, conde, marquês e duque.
3. *Anagrama* — transposição de letras duma palavra formando outra. *Obreiro* — trabalhador, operário. *Consoada* — Presente que se dá pelo Natal; banquete de família que se costuma celebrar na noite de Natal.
4. Chama-se pastel.
5. Sem dúvida.
6. E' o cruzeiro. Vale 1$000 e assim se escreve: Cr.$ 1,00.
7. Seus múltiplos são: Cr.$ 2,00, Cr.$ 5,00, Cr.$ 10,00, Cr.$ 20,00, Cr.$ 50,00, Cr.$ 100,00, Cr.$ 200,00, Cr.$ 500,00 e Cr.$ 1.000,00. São seus submúltiplos: Cr.$ 0,50; Cr.$ 0,20 e Cr.$ 0,10.
8. A cédula de Cr.$ 10,00.
9. *Escute*, você viu *aonde* foi *seu* irmãozinho?
10. O retrato.
11. Gonçalves Dias.
12. E' o castor.
13. E' o quilo.
14. Ceará, Ceará, Maranhão, Maranhão, e Baia.
15. Ao Império Romano.

Memórias

Antônio de Campos Gonçalves.
— RIO —

Quem me dera ter lembrança
das lições da Vovózinha,
falando, contando coisas,
de tantas coisas que tinha.

Eu me lembro que dizia
ter recebido, uma vez,
um riquíssimo presente,
por uma lição que fez.

E vai contando a Vózinha,
qual lhe fôra essa lição
que, há tantos anos, lhe dera
tão grande satisfação.

"Eu era menina ativa,
zelosa do que era meu,
e tinha sempre respeito,
aos velhos, assim como eu.

Na escola tomei do lapis,
e comecei a escrever
aquilo que eu tinha nalma,
por lição e por dever.

Falei de como as crianças
devem respeito a seus pais,
e como em tudo se portam,
no trato com seus iguais.

Fiz menção da cortesia,
do trabalho e do saber,
e tambem da vida honrada,
em cumprimento ao dever.

Relatei coisas passadas,
que de meus pais aprendí,
e como só coisas boas,
do meu lar eu recebí.

Mas tive ainda o cuidado
de referir-me aos avós,
que tantas lições nos deixam,
quando pensamos a sós.

Assim foi naquele dia
que, fazendo por lição,
esculpí na própria vida,
e gravei no coração.

Presente que não se acaba,
e não m'o rouba ninguem,
que tive durante a vida,
e deixarei para alguem".

Esse alguem sois vós, crianças,
cujas almas devem ser
lavoiras de mil culturas,
para só bem frutescer.